

Governo não fará baixa nas taxas do 'open'

— O Governo não mudará sua política monetária e não reduzirá as taxas de juros dos títulos oficiais no open market para forçar uma queda artificial nos juros do mercado. Vamos esperar as taxas caírem naturalmente até o final do ano.

A afirmação foi feita, ontem, de forma enfática, pelo Presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, na Escola Superior de Guerra (ESG), após ouvir pessoalmente, durante entrevista, as críticas à política monetária e o pedido de redução das taxas de juros do Vice-Presidente da Federação Nacional dos Bancos, Pedro Conde.

Pedro Conde disse que o crédito vai continuar faltando em todo o País por um prazo superior a três ou quatro meses, enquanto o Governo continuar pagando taxas no open superiores às do sistema financeiro. Ele culpou o open pelo fracasso do tabelamento dos juros e pelo desaparecimento dos empréstimos do mercado, afirmando que esta aplicação “é uma deformação que está afetando gravemente todo o sistema financeiro”.

O Presidente do BC, Carlos Langoni, e o Vice-Presidente da Fenaban, Pedro Conde, deram entrevistas juntos, na ESG, após a realização de conferências para os estagiários da Escola.

Carlos Langoni argumentou que o Governo não mudará sua política monetária (que é restritiva com relação à expansão do crédito) e sua programação de captação através do open, porque não quer comprometer a estratégia de combate à inflação. Segundo ele, o Governo não está preocupado com os resultados de curto prazo com relação à taxa de juros, pois o que se pretende é manter a economia desaquecida e impor uma queda natural e gradativa do custo do dinheiro, sem qualquer artificialismo. Na sua opinião, se os investidores continuarem a canalizar todos os recursos da economia para o open, por causa das taxas elevadas, vão provocar uma queda brusca e benéfica do custo do dinheiro, sem o Estado precisar interferir.

Carlos Langoni criticou também os bancos. Ele afirmou que os banqueiros não querem operar com taxas de juros mais baixas e com margens de lucros menores do que as que vinham cobrando há anos. Segundo ele, os banqueiros não querem fazer sacrifícios e estão resistindo a uma fase de mudança na economia, que está reduzindo o lucro de todos.

Pedro Conde contestou as afirmações de Langoni e disse que não há condições de se captar dinheiro no mercado financeiro com base na tabela de empréstimos fixada pelo Governo. Ele insistiu na necessidade de se tabelar também as taxas de aplicação e de se limitar a captação do Governo no mercado financeiro, através do open. Afirmou também que os banqueiros estão preocupados com a possibilidade de as operações bancárias ficarem paralisadas por mais três ou quatro meses, porque os bancos precisam emprestar ao setor privado para garantir a estabilidade de alguns clientes e assegurar o pagamento de dívidas.

Nova missão do FMI chega no fim de semana

BRASILIA (O GLOBO) — Uma nova missão do FMI, tecnicamente menos graduada que aquela que deixou o País na semana passada, chega esta semana ao Brasil, devendo desembarcar no Rio, no sábado ou domingo. A missão, que retorna sem Eduardo Wiesner e Horst Struckmeyer, virá discutir alguns aspectos do acordo ainda carente de definição, especialmente a questão do déficit público.

O Ministro Ernane Galvães confirmou a chegada da missão técnica do Fundo para esta semana, afirmando que essa volta já estava prevista.

Tancredo já pode renegociar dívida externa de Minas

BRASILIA (O GLOBO) — O Governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, informou ontem que já obteve autorização do Governo Federal para renegociar a dívida externa do Estado, que soma US\$ 1,2 bilhão, sendo US\$ 280 milhões com vencimento no segundo semestre deste ano.

Tancredo Neves se reuniu ontem com o Ministro do Planejamento, Delfim Netto, para “discutir alguns detalhes da renegociação”. Ele não revelou qual o esquema financeiro que será montado, mas assegurou que dos US\$ 280 milhões, Estado só irá pagar, este ano, 70 por cento, ficando o restante para rolar nos próximos anos.